

# SELEÇÕES EM FOLHA

mfmenendez@ig.com.br

Ano X, Nº 02 – 2006, FEVEREIRO

Assinatura até Dezembro de 2006: 10 selos postais de 1<sup>o</sup> Porte Nacional Não-comercial (R\$ 0,55) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Vino el médico amarillo a darme su medicina, con una mano cetrina y la otra mano al bolsillo: ¡yo tengo allá en un rincón un médico que no manca con una mano muy blanca y otra mano al corazón!

Viene, de blusa y casquete, el grave del repostero, a preguntarme si quiero o Málaga o Pajarete: ¡diganle a la repostera que ha tanto tiempo no he visto, que me tenga un beso listo al entrar la primavera!

José Julián Martí 1853-1895, de Versos Sencillos XV,

José Martí Poesía Completa, Tomo I,

Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

No palco, o velho ator fungou e disse:  
– Escutem!... Hoje a máscara caiu!  
Alguém roubou a peça e fugiu pra que o ato final não se cumprisse.

A cena principal era: *velhice*.  
O povo arrefeceu. Nunca se viu tanta gente a tremer, cheia de frio, para assistir a última tolice.

A multidão gritou horrorizada:  
– O que foi?!... O que foi que aconteceu?!  
Qual o final da peça aqui roubada?!  
O velho mascarou-se e olhou o céu.

Só uma voz ouviu-se entusiasmada:  
– Viva o ator!... – E o velho ator morreu.

Humberto Soares Santa, A Última Cena, em Cotovia, 2005.10.26

De manhã escureço de dia tardo de tarde anoiteço de noite ardo.

A oeste a morte contra quem vivo do sul cativo o este é meu norte.

Outros que contem passo por passo: eu morro ontem

nasço amanhã ando onde há espaço – meu tempo é quando.

Vinicius de Moraes, Poética; em Grandes Sonetos da Nossa Língua, José Lino Grünewald, Editora Nova Fronteira S/A, Rio de Janeiro, RJ, 1988.

Quando os meus olhos aos teus olhos volto, o almo candor das lágrimas cintila no teu olhar e ensombra-te a pupila a névoa ideal do sonho em que me envolvo.

Um mistério de amor que eu não resolvo possuí teu ser e em teu olhar se asila, – mistério ideal que enleva e que aniquila num doce abraço enérgico de polvo.

Quem me decifrará todo esse enigma que eu sinto e não compreendo e que me mostras através desse olhar, como um estigma?...

Quem há que o teu segredo me desvende – pérola que a alma oculta como as ostras e que no olhar em pérolas esplende?

Antônio Francisco da Costa e Silva (1885-1950), Supremo Enigma; em Grandes Sonetos da Nossa Língua, José Lino Grünewald, Editora Nova Fronteira S/A, Rio de Janeiro, RJ, 1988.

Ter sempre a palavra certa e a mão em paz estender; ter a mente ao bem desperta, – isso se chama viver!

Conceição A. C. de Assis, 0512 Trovaregre: Caixa Postal 181, 37550-000 – Pouso Alegre, MG

Alma inquieta, dividida entre o real e o sonhado: a ventura deste mundo lembra um riso soluçado.

Helena Kolody

Dê abrigo, estenda a mão a seu irmão mais carente: – é na partilha do pão que Deus se faz presente.

Marisol, 04.12.05, 0601 Trovia, alw@mgalink.com.br

Quando a vejo drapejar, linda, sob o céu de anil, eu, também fico a vibrar – bandeira do meu Brasil!

Oefe Souza, 0512, Koisalinda: Rua Liberdade 182; CEP 14085-250

Casa, comida, mulher, livre da sogra e patrão; só quem é doido não quer a mesma sorte de Adão.

Regina Célia de Andrade, 0601 O Fatusco, Caixa Postal 95, 61600-000 – Caucaia, CE

Abre as janelas no espaço, em dimensão de universos, a poesia que hoje eu faço, numa explosão de meus versos.

Walter Rossi, 23.01.06, Fanal 9510, casadopoeta@uol.com.br

Nos morangueiros que cobrem os canteiros – gotas de orvalho.

Joelson Aparecido Pedrosa 14a

Um cacho de uva enchendo a minha mão domingo no sítio.

Keila Yumi Hiraoka Omasa 13a

Sopra o vento os pêssegos maduros caindo no chão.

Lais Amanda Schultz 12a

Mangas amarelas na árvore solitária de um casarão.

Lucas Miguel Pachude 14a

Laranjas nos galhos balançando sem parar ao sopro do vento.

Luiz Felipe dos Santos 13a

O vento sopra caem folhas vermelhinhas do meu caquizeiro.

Rosiclea A. G. Santos 10a

Num velho pomar maracujá amarelo caído no chão.

Vânia Cristina de Souza 12a

4<sup>o</sup> Concurso Brasileiro de Haicai Infanto-juvenil realizado em 05.11.05 – www.kakinet.com/encontro

## TEMAS DA SAZÃO VERÃO – QUIDAIS DE VERÃO

Sereia no mar. Alvas roupas sobre as águas, Festa de Iemanjá.

Analice Feitoza de Lima

Casas geminadas: sobre o muro do quintal a alamanda da vizinha...

Darly O. Barros

Caminho ao luar. De onde vem esse perfume? Ah! Dama-da-noite.

Djalda Winter Santos

A trilha de prata tão lentamente traçada. Trabalho de lesma.

Fernando Vasconcelos

Begônias enfeitam do rio à sede-Fazenda. Rubescendo o sol!

Leonilda Hilgenberg Justus

Defronte ao aquário, o guri arregalado. Acará-bandeira.

Manoel F. Menendez

Sobre a pedra escura um longo fio brilhante – caminho da lesma.

Maria Reginaldo Labruciano

## HAICUS E M FOLHA

O sedento pára, põe a mochila no chão. Encontrou a bica. R

Alba Christina

Esquecendo a enxada, contempla o bicho preguiça... quase sente inveja. R

Alba Christina

Mascarados pulam. Criações, com medo, fogem. Carnaval de rua. L

Alda Corrêa M. Moreira

Em volta da bica, disputando as gotas d'água, circulam os passaros. B

Amália Marie Gerda

Na bica quebrada, sobre o limo umedecido, reflexos do sol... C

Amália Marie Gerda

Grande correria. Chuva enchendo foliões. Carnaval molhado. Y

Analice Feitoza de Lima

Subindo na árvore arrasta-se lentamente um bicho-preguiça. J

Angélica Villela Santos

Jorrando nas pedras velha bica conta histórias de amores passados... L

Angélica Villela Santos

Jogando seus beijos... Rainha do Carnaval é muito aplaudida! L

Anita Thomaz Folmann

Depois do futebol um minuto de tregua fila na bica. D

Carlos Roque B. de Jesus

Bicho-preguiça agarrado na árvore, parece dormir. R

Cecy Tupinambá Ulháa

Vassouras a postos no Carnaval da avenida, garis também sambam. J

Darly O. Barros

Em câmera lenta começa a escalar o tronco o bicho-preguiça. R

Darly O. Barros

Passeio no morro. Sede. Sol. E o som de um canto jorrando da bica. Y

Darly O. Barros

Meninos correndo. Água da bica alivia o calor do corpo. L

Djalda Winter Santos

Na mata fechada desce o bicho-preguiça. Devagar. L

Edmilson Felipe

Cansada, a passista sobe lentamente o morro... Fim de Carnaval... A

Elen de Novais Felix

Árvore frondosa envolvida em lento abraço... Um bicho-preguiça! F

Elen de Novais Felix

Dois anjos barrocos protegem quem mata a sede, na bica da praça. F

Elen de Novais Felix

Bica gotejando bem em cima do canteiro. Plantinhas vicejam D

Flávio Ferreira da Silva

Crianças sedentas na bica do chafariz. Brigam pela vez. Y

Flávio Ferreira da Silva

Água gelada escorre no queixo parada na bica. L

Larissa Lacerda Menendez

Procuram na praça o bicho-preguiça. Cabeças erguidas. Y

Manoel F. Menendez

Bica sem torneira, no caminho da favela. Gente com moringa. F

M<sup>a</sup> Marlene N. Teixeira Pinto

O bicho-preguiça, pendurado na mangueira. Galhos estalando. R

M<sup>a</sup> Marlene N. Teixeira Pinto

Multidão eufórica dança atrás do trio elétrico. Carnaval de rua. F

Renata Paccola

Desfile de blocos acompanhando o batuque. Carnaval de Olinda. R

Renata Paccola

De ponta-cabeça, come folhas de imbaúba o bicho-preguiça. R



Roberto Resende Villela

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste. O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só praticando*. Não há outra opção: comece já!

Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

## SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

 Remeter até 28.02.06, quigos à escolha: Amendoim, Névoa densa, Quiabo. 

Remeter até 30.03.06, quigos à escolha: Dia de São Pedro, Paina, Quentão.



Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132  
01150-011 - São Paulo, SP

ou

mfmenendez@ig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

T E R C E T O S D I V E R S O S

Energia natural. Água de coco saudável, riqueza divina. Ailson Cardoso de Oliveira	Passa o temporal, mas um choro desfolhado mostra desamparo. Alba Cristina	A traça e o seu sonho, no colete do vovô, ficaram gravados... Amália Marie	Caramujo anda com a casa na cabeça. Não paga aluguel. Cecy Tupinambá Ulhoa	A lesma desliza pelo piso da varanda... Bichinho nojento. Djalda Winter Santos	Destino sutil foi legado ao caracol; não paga aluguel. Elen de Novais Felix	Ah!... O sorriso enfim da amada, abrindo aromado buquê de jasmim. Fernando Lopes Soares
Pescador no rio, porém seu anzol vazio. Lambari velhaco. Fernando Vasconcelos	Alvura na praia. Flores lançadas ao mar. Salve Iemanjá. Hervélio Durso	Na escola baírrista, fazendo ala das baianas, são todas cariocas... Hermoclydes S. Franco	No pé de acerola, frutos e pássaros juntos... – Festejos canoros! Humberto Del Maestro	Noite de verão. O clarão da lua cheia, embeleza a roça. João Batista Serra	A dama da noite de preto chega na dança vem rodopiando. Jorge Piccagno Siqueira	Nem se importa o povo se faz chuva, se faz sol... Tudo é carnaval! Leonardo Cezário dos Santos
Carnaval rolando três dias em chamas vivas. No quarto... ele e as cinzas. Leonilda Hilgenberg Justus	Mesmo sendo gordo, faz regime pra engordar: quer ser Rei Momo... Luis Koshitiro Tokutake	Tomando água de coco, fico igualmente bobo, qual bola na rede! Marcelino Rodrigues de Pontes	Com tanta pureza... muito bela e perfumada a dama-da-noite. Maria App. Piccagno Goulart	Do carmin ao branco como do amor à lembrança a rosa-louca muda. Maria de Jesus Baptista de Mello	Come... come... come... Quanto mais gordo... melhor! Sonha ser Rei Momo. Maria Madalena Ferreira	Entrudo de ontem, esperando um ano inteiro. Fantasia aguarda. Ndyr Leme Ganzert
Tecelã feliz a aranha nunca se acanha na rede o matiz... Nilton Manoel Teixeira	Antigas sambistas compõem ala das baianas. Afeição à escola. Olga Amorim	Pimentão graúdo fazendo o pé se curvar. Viva a natureza! Regina Célia de Andrade	Hortênsias em flor: agrupados, se projetam confetes azuis. Renata Paccola	Crime na floresta: – a seiva vital escorre do toro cortado... Santos Teodósio	Ala das baianas. No Rio a escola de samba. Saudades, Bahia. Sérgio Serra	Pimentão vermelho brilhando na prateleira. Na boca, esta ardência... Walma da Costa Barros

O sapo engoliu a estrelinha que piscava no escuro do brejo. Ficou mais sombria a noite sem o seu perilampejo. Perilampejo	Cuidado, astronautas, com a lua crescente! Como poderão os deuses beber a eternidade, se quebrardes essa taça de cristal luminescente? Lua Crescente	O poeta ausentou-se. Deixou o seu rosto de palavras inteiro multiplicado no espelho quebrado. Presença	De grinalda branca, toda vestida de luar, a pereira sonha. Pereira em Flor	Rir, às vezes, é um modo ativo de chorar. Modo de Ser	Olhou numa poça d'água e viu a mão estendida. Alongou a própria destra, num impulso de acolhida mas, a mão tocou em nada era, apenas, refletida no espelho da água parada, a sua mão estendida. Espelhismo
Quem bebe da fonte que jorra na encosta, não sabe do rio que a montanha guarda. Âmago	Alta nuvem radioativa chove mortes sobre os campos. Da sementeira das bombas, nascerão uns tristes monstros. Sem olhos para a beleza, sem pés, talvez, e sem mãos. Serão esses os herdeiros das conquistas espaciais?	Caem as folhas de repente, brotam outras pelos ramos, murcham flores, surgem pomos e a planta volta à semente. Assim somos. Sutilmente, diferimos do que fomos. Impossível transmitir, por secreto e singular, o acrescentar é perder desse crescer que é mudar.	Estou sempre em viagem. O mundo é a paisagem que me atinge de passagem. Viagem Infinita	Doce lembrança orvalhada de madrugada antigas. Fumaça de chaminé subindo na manhã fria. Florescida malva-rosa debruçada no jardim uma roveada de sonhos na vida que amanhecia cantiga de recordar... ai, que saudade de mim!	Trêmula faz de orvalho presa na teia de aranha, rebrilhando como estrela. Alegria
Vai o barco à deriva e se afasta do cais. Quando se soltaram as amarras para nunca mais? Quando	Herança Atômica	Evolução	Máscaras	Cantiga de Recordar	Invenção

Helena Kolody (Cruz Machado 12.10.1912 - Curitiba 14.02.04), de Helena Kolody por Helena Kolody. Coleção Poesia Falada, Volume 4; gentileza de Raynal Augusto Costa

A P E R S E V E R A N Ç A D O G Ê N I O

Renato Kehl, de Psicologia da Personalidade, 1957, 7ª Edição, Livraria Francisco Alves

Singularidades manifestadas na infância são quase sempre indicativas do que será a personalidade futura do indivíduo. Darwin (Charles Robert Darwin 12.02.1809-19.04.1882), com pouco mais de dez anos, apresentava particular interesse pelas cousas da natureza. A sua precocidade revelou-se de modo assaz significativo. Era observador, curioso, de notável vivacidade objetiva e dedutiva, amigo de fazer coleções de plantas, insetos, conchas e minerais. Disse ele próprio que fora este *dom inato* que o levava a ser o que foi: – naturalista dedicado à sistemática. No “*Journal de vida*”, de sua autoria, confessa ter sido estudante medíocre, que freqüentemente se perdia em vagabundagens à cata de espécimes para as coleções. Seu pai destinava-o à carreira eclesiástica, mas a vocação talvez herdada do avô médico, inclinara-o à medicina. Matriculou-se na Universidade de Edimburgo, onde o destino o fez aluno do botânico Henslow, excepcionalmente dotado para firmar a vocação do discípulo.

Darwin consagra-se com entusiasmo à natureza, deixando de lado a teologia da qual se tornaria, mais tarde, sem o querer, formidável adversário. Não continuou, entretanto, os estudos médicos, porque sentia estranha e invencível aversão aos exercícios práticos de anatomia. Lamentou toda a existência não ter vencido esta aversão e continuado a dedicar-se a tão importante disciplina. Aplica-se, então, à geologia, ao lado de Sedgewick, da Universidade de Cambridge, passando em seguida a estudar, com igual ardor, a botânica e a zoologia, tornando-se, deste modo, mais pela observação direta do que pelo manuseio dos livros, um naturalista completo.

Não aceitava sem detida análise o que lia, ao contrário do que acontece à maioria panurgiana que se deixa impressionar pelo que ouve ou encontra em letra de forma. Quando adolescente, leu e releu um exemplar de *Wonders of the World*, aproveitando todas as oportunidades para discutir com os colegas as verossimilhanças e as inverossimilhanças dos fatos enunciados na obra.

Tido como rapazinho ingênuo, não se deixava, entretanto, enganar, nem acreditava com excessiva facilidade o que lhe inculcavam, por mais prestígio e fama tivesse o autor.

Admite Darwin que foi o livro acima referido que, em primeiro lugar, lhe incutiu no espírito curioso e indagador o desejo de viajar pelas regiões desconhecidas do planeta.

A sua vocação científica manifestou-se por precoce e evidente apreço à verdade, por acentuado amor à natureza, por notável espírito filosófico, por extraordinária energia e excepcional perseverança no trabalho. Nele se reuniam por feliz destino, boa origem, boa tempera, boa criação, boa índole, além da sorte de nascer, crescer e viver em condições de completa despreocupação

financeira. Jamais precisou preocupar-se com o próprio sustento e da família que, constituída em 1839, aos 30 anos de idade, se compunha de 8 filhos, 7 dos quais ainda viviam ao lhe celebrarem o centenário natalício em 1909.

A situação financeira de Darwin foi-lhe propícia, e ao invés de aproveitá-la em ócios e em prazeres, dela se serviu para devotar-se ao progresso da ciência.

Desde muito jovem se impressionara com o espetáculo da luta pela sobrevivência, por ele enunciada com estas palavras: “a vida é um combate”. Reflete longamente sobre a possibilidade de esclarecer as razões desta estranha *fatalidade* biológica e de descobrir as causas que garantem a vitória de uns e a derrota de outros. Observa, interpreta e estabelece métodos de pesquisa indispensáveis para alcançar resultados profícuos. Examina nos menores detalhes a vida animal e vegetal e após ter verificado que todos ou quase todos os organismos se reproduzem com exuberância, sem que se altere o ritmo do crescimento de cada espécie, cuja população mantém-se dentro de leis biogenéticas, esboça-se em sua mente uma série de suposições relativas à luta pela vida, as quais devem ser analisadas uma por uma, num acurado exame de exemplos diretamente colhidos da natureza. Julga indispensável uma viagem de exploração científica. Feliz acaso decide, nessa ocasião, da sua sorte de naturalista e de revelador da mais importante chave para a grande incógnita, até então mantida a espicaçar o atilamento dos cientistas. Organizava-se importante exploração dos mares do hemisfério sul. Henslow, que fora seu professor de botânica, recomenda-o ao capitão Fitzroy, pedindo para agregá-lo à comissão. Aprestado o pequeno navio “Beagle” (cão de caça), nele parte para longo cruzeiro, através o Atlântico e o Pacífico sul. A viagem dura cinco anos. Particularidade notável: Darwin enjoa, lamentavelmente; enjoa desde a partida e durante quase todo o tempo em que permaneceu embarcado. Com inaudita perseverança não desiste. Vai enjoando. Não abandona a expedição que prossegue na sua faina pelos cinco longos anos, durante os quais faz freqüentes excursões à terra. Põe-se em contato com a flora e a fauna tropical da América do Sul. Visita numerosas ilhas perdidas no oceano para examinar e colher material de estudos. Permanece no Rio de Janeiro de 4 de abril a 5 de julho de 1832. Sobre esta visita ao nosso país, deixou em seu diário notas muito interessantes. Esteve na Terra do Fogo, onde observou as condições miseráveis dos habitantes, que lhe causaram funda impressão. No Pacífico visitou o arquipélago de Galapagos e, depois, no norte da Austrália, estudou os recifes de coral. Durante toda a excursão aplicou-se com fervor e penetração admiráveis aos problemas biológicos terrestres e marítimos, nas

rochas vulcânicas e nos recifes de coral, nas florestas e nos desertos, desde às regiões tropicais às antárticas. Nessa peregrinação admirável, ocupado em interrogar a natureza com persistência e penetração sem iguais, esteve na Patagônia e na Austrália, em muitas ilhas e em alguns pontos da costa brasileira.

Dois anos após o regresso, em 1839, casa-se, retirando-se para a magnífica vivenda de Down em Kent, longe do ruído das cidades, das importunações, afim de poder devotar-se, como fez até o termo da existência, ao exame do vasto material colhido e ao concatenamento dos dados para a sua grande obra.

Darwin voltou doente da viagem. Só podia escrever duas horas ao dia. O resto do tempo destinava à leitura, à criação de animais de experiência, a cruzamentos, a várias outras observações com seres vivos. Suas únicas distrações consistiam na equitação, na caça, na música e em recreações domésticas.

Em 1842, condensou as pesquisas realizadas, de modo sucinto, no *Primeiro Ensaio*; em 1844 redigiu o *Segundo Ensaio*, mais extenso que conservou, porém, inédito. Contentava-se em divulgá-los aos amigos e aos naturalistas de maior intimidade. Jamais teve pressa em tornar conhecidas as conclusões, as quais desejava publicar em tempo oportuno, sob a forma de obra completa e definitiva.

Acontece, todavia, que em 1858, o naturalista *Wallace*, que se achava na América do Sul, no arquipélago Malaio, envia-lhe uma memória com idênticas conclusões às do trabalho que elaborara com tanto esforço e sacrifício, baseado em vasta documentação.

Cientificado do fato, aconselham-no os amigos a enviar a memória de sua autoria, acompanhada de uma nota explicativa, juntamente com a de Wallace, à Sociedade Linneana de Londres, o que foi feito em 1º de julho de 1858, sendo ambas, logo a seguir, publicadas na revista da referida associação.

Prosseguiu, então, na paciente elaboração da obra mestra, “Origem das espécies pelo processo da seleção natural”, concluída no ano seguinte, ao completar cinquenta anos de idade. Dessa época até 1858 não se descuridou um só momento de persistir, laboriosamente, nos mesmos objetivos de alcançar novos elementos para a sua doutrina, o que denuncia extraordinária paciência, perseverança e continuidade de Darwin, digno de ser salientado e levado em especial apreço, tendo em conta os críticos de *oitiva*, de *obras feitas*, os “cientistas” por intuição, os críticos de que “tudo sabem” para desmerecer e, mesmo, destruir o mérito alheio.

Após trinta anos de estudos chegou Darwin à evidência da luta pela existência, que suprime os fracos; do triunfo e da sobrevivência dos mais aptos. (conclui no próximo número)